

A REDE OLÍMPICA NOS JOGOS DO RIO DE JANEIRO

Tamara Tania Cohen Egler

IPPUR/UFRJ

tamaraegler@gmail.com

Heitor Ney Mathias da Silva,

UERJ

heitorneysilva@gmail.com

Lalita Kraus

IPPUR/UFRJ

lalita.kraus@gmail.com

A Rede Olímpica nos Jogos do Rio de Janeiro (Resumo)

A questão proposta no presente artigo observa, pensa e analisa a formação, a organização e os objetos de ação dos atores membros da Rede para os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro. Estamos diante de uma estratégia política, econômica e cultural que articula a associação de organizações internacionais e nacionais, capitais públicos e privados, bem como indivíduos em torno da promoção dos Jogos Olímpicos. Nosso objetivo é investigar como esses atores se organizaram com vistas à realização do megaevento olímpico. O maior desafio consistiu em *ver e ler* as relações que se estabeleceram na rede de atores, os processos de comunicação, os investimentos públicos e privados para a produção de territórios globais na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: rede; megaevento; capitalismo gestor; globalização; Rio de Janeiro.

The Olympic Network in the Games of Rio de Janeiro (Abstract)

The subject proposed in this article reflects and analyzes the formation, organization and the action purpose of the members of the Olympic Games Network in Rio de Janeiro. It represents a political, economic and cultural strategy that articulates international and national organizations, public and private capital, as well as individuals around the Olympic Games. The main goal is to investigate how these actors are organized. The biggest challenge is to identify and understand the relationships

Recibido: 11 de julio de 2017

Devuelto para correcciones: 20 de julio de 2017

Aceptado: 2 de octubre de 2017

established between the network actors, the communication processes, the public and private investments and the production of global territories in the city of Rio de Janeiro.

Key-words: network; mega-events; managerial capitalism; globalization; Rio de Janeiro.

A presente pesquisa está focada na ação política, mediada pela técnica. Nosso objetivo é examinar seus feitos sobre a transformação do território na cidade do Rio de Janeiro, no contexto dos Jogos Olímpicos. Os resultados alcançados pela política revelam uma organização poderosíssima, que se situa além da forma originária do capital, além do processo de valorização do capital financeiro, da aliança de elites. Trata-se de uma totalidade que representamos por uma metáfora de rede, uma associação entre atores de diferentes esferas e escalas, que exige uma análise específica de suas práticas políticas, econômicas e culturais.

A análise da Rede Olímpica como uma articulação de atores específica para a gestão de megaeventos, tem pouco a ver com a forma clássica de análise da ação capitalista. Para encontrar caminhos analíticos capazes de desvendar a complexidade de valorização do capital na produção de um megaevento esportivo, é preciso ir além de uma interpretação que reafirme o neoliberalismo. Para tanto, impõe-se a necessidade de se proceder à uma abordagem interdisciplinar, que inclua categorias e conceitos das diferentes ciências humanas.

O nosso ponto de partida teórico está na interlocução com Pierre Bourdieu, que concebe a categoria *campo*, na qual se definem formas de *pensar, ser e de agir* compartilhadas¹. Ela ilumina a RO porque explica como os diferentes atores capitalistas formam uma rede, que tem por objeto de ação compartilhada a ampliação da capacidade individual e coletiva de valorização do capital. Nessa rede se definem posições e práticas sociais que fundamentam a formação dos grupos, que orquestram programas e projetos de ação. Os capitais se unificam pelos sistemas de comunicação, tecem vínculos que formam uma totalidade e permitem desenvolver uma ação em comum.

A rede associa e organiza atores que compõem o campo dos megaeventos. *Campo e rede* estão associados: o primeiro é uma categoria abstrata; a segunda é um fato. Isto quer dizer que o *campo* define a *rede*, à qual podemos atribuir o significado de um coletivo que se organiza por mediação de tecnologias de informação e comunicação – TICs e que tem uma forma de *pensar, de ser e de agir compartilhada*².

Os atores que integram esse *campo* permeiam todas as escalas de governo, instituições, organizações, capitais privados, mídia, turismo, proprietários fundiários, capital imobiliário, atletas e turistas. Essa totalidade, formada pela mediação de sistemas de informação e comunicação virtual e vital³, resulta na promoção da valorização do capital de todos seus membros e, ao mesmo tempo, transforma as condições do espaço local em benefício das corporações globais. Trata-se de uma gestão que executa a divisão do trabalho entre os capitais associados. Quando Marx (1983) estudou a divisão do trabalho nos primórdios do processo de industrialização, estava focado na fábrica, na cidade, ao passo que a presente proposta analisa as Olimpíadas no espaço global, para demonstrar como podemos pensar numa divisão das funções do capital nas atividades de produção do espaço das cidades, em que os Jogos Olímpicos se realizam.

¹ Bourdieu, 1998.

² Egler, 2017.

³ Egler, 2011.

Para avançar nessa linha demonstrativa, é importante fazer uma advertência sobre três categorias centrais: espaço, cidade e território. Entendemos o espaço como a distância entre dois pontos, por exemplo, espaço de uma quadra na cidade, espaço do universo, espaço poético. Milton Santos (1994) ilumina o nosso pensamento quando propõe a leitura do espaço através de três dimensões: *objetos, fluxos e ações*. Quer dizer, espaço é uma categoria abstrata, que pode ser aplicada em diferentes objetos. Já quando falamos de cidade, estamos nos referindo a uma categoria histórica, concreta, na qual a materialidade do espaço se condensa.

Quando nos referimos à categoria território, recorremos a Claude Raffestin (1993), para quem o território resulta de uma ação conduzida por um ator com um objetivo predeterminado. Podemos também compreender o território observando as relações de poder sobre um determinado espaço físico, como propõem Claudio Egler (2005) e Marcelo Souza (2007), para ambos a categoria dá o significado do poder que se estabelece sobre um espaço físico. Numa acepção mais simples, o território pode ser um shopping, uma casa, uma rua ou simplesmente um quarto, mas também o meu, o seu, o nosso território, ali onde se estabelece o meu, o seu, o nosso poder.

Estamos assistindo a um processo de concepção, produção e gestão de um território global, que conduz à destruição do espaço social⁴. O Rio se tornou centro de dominação política, atratividade e mobilidade de capitais e pessoas/turistas/espectadores e cenário por excelência da megavalorização dos capitais associados à Rede Olímpica. Para desvendar os interesses políticos, econômicos e territoriais que se plasmam na realização do plano urbano para as Olimpíadas no Rio de Janeiro, é necessário identificar os atores que participam da rede global, reconhecer os processos que produzem sua estratégia política, assim como os custos sociais desse megaevento.

Para se proceder ao desenvolvimento analítico é importante distinguir método e metodologia. O primeiro é um processo do pensamento, interno ao pesquisador, enquanto o segundo é uma forma de organização da pesquisa, a partir de uma relação externa entre o sujeito e o objeto da pesquisa. O método adotado na pesquisa parte do princípio de que a ciência social exige uma análise em que se definem os objetos de investigação⁵. O desafio é dividi-lo em objeto empírico e objeto teórico. O primeiro é definido por atores, processos e fatos. Atores por mediação de processos produzem fatos e formam uma totalidade complexa. Se aplicarmos esse princípio analítico à categoria rede sociotécnica, compreenderemos que os diferentes atores associados em rede, por mediação das TICs, produzem transformações no território e na sociedade. O segundo está associado às teorias, categorias e conceitos que, reintroduzidos na realidade, iluminam o objeto empírico e permitem a sua análise. Esse é o desafio: aplicar o método ao objeto, para escrever uma gramática sociológica e produzir conhecimento novo.

Podemos identificar em relação ao objeto teórico, no campo da sociedade da informação e das redes, por um lado, autores que compreendem duas dimensões distintas das redes sociotécnicas, uma associada à relação humana e outra ao instrumental técnico. Para Pierre Musso (2003), a comunicação reúne os homens num espaço comum, possibilitando o exercício da política e da transformação social. No mesmo contexto epistemológico, Manuel Castells (1999) revela a transformação dos processos espaciais e examina os efeitos da tecnologia sobre a economia, a política e a vida social. Não menos importante é a contribuição

⁴ Bauman, 1999.

⁵ Bourdieu, 1998; Ribeiro, 2012.

de Milton Santos (1994), para quem o espaço deve ser compreendido a partir de uma interpretação que reconheça a tecno-esfera e a psico-esfera, sendo a primeira associada à dimensão técnica e a segunda à dimensão social do espaço.

Já outros autores, como Bruno Latour (2012) com sua teoria ator-rede, focam na relação que associa a dimensão humana, imaterial e intangível das relações sociais à dimensão material, física e tangível dos objetos fabricados, propondo uma análise da totalidade híbrida. Em outras palavras, a técnica pode definir a ação humana. Desta forma, a teoria ator-rede associa, numa mesma totalidade, atores e processos⁶. Não podemos confundir o ator humano com o processo que acontece pela mediação da técnica. Por se tratar de duas categorias distintas – a primeira relacional e a segunda instrumental –, não se deve confundir as duas numa mesma categoria.

Para fazer avançar a nossa análise forma enunciadas as seguintes perguntas: Quais atores participam da rede global dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro? Como são os processos de valorização no megaevento? Quais são as mercadorias do megaevento? Quem ganha com isso? De que forma a Rede Olímpica requer uma análise própria ao campo dos megaeventos?

Na concepção da metodologia, foram reconhecidos objetivos e procedimentos necessários ao desvendamento do objeto de análise. Quando foi necessário identificar a participação dos diferentes agentes e suas funções na rede; produção e representação gráfica da rede; produção e representação de mapas do plano urbano, reconhecimento das ações políticas; observação das práticas dos agentes que participam da rede e análise dos fatos produzidos pela sua ação política. Para alcançar esses objetivos os procedimentos de pesquisa foram: percurso no campo para fazer o diálogo com os autores de reconhecida competência no campo, levantamento na imprensa para identificar os atores, processos e fatos; leitura de documentos oficiais, para conhecer o discurso dos agentes; pesquisa de campo nos espaços onde foram construídos o sistema de transporte e equipamentos; registros imagéticos para documentar o objeto empírico. Ao mesmo tempo, utilizamos um banco de dados para a sistematização da informação, representação da rede olímpica por aplicação de *software* GEPHI, para a produção da representação gráfica, de uma parte da rede de atores responsável pela produção dos equipamentos.

Rede dos Jogos Olímpicos e campo do megaevento

Esse megaempreendimento exige a ação de muitos atores para a realização das numerosas atividades necessárias à concretização do evento: gestão dos capitais associados à rede; concepção e execução do plano urbano; remoção da população moradora; disponibilização de terrenos; financiamento e construção infraestrutura urbana dos equipamentos e para a realização dos fluxos de atletas, empresários, técnicos, gestores para atuar de forma a preparar o cenário de infraestrutura de mobilidade para a realização da grande festa. Vale lembrar que essa análise é feita considerando os oito anos entre a escolha da cidade-sede e a realização propriamente dita dos Jogos.

Atores econômicos, políticos e culturais – em todas as escalas e esferas, nacionais e internacionais – associam-se transversalmente. Podemos identificar diferentes instâncias de poder – como a Presidência da República, o governo do Estado do Rio e a Prefeitura da

⁶ Latour, 2012.

Cidade do Rio de Janeiro –, organizações esportivas – como o Comitê Olímpico Internacional (COI), o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e os comitês de outros países –, escritórios de arquitetura, empreiteiras, como a Odebrecht e a Camargo Correia, empresas de transporte – como o Metro, o *Bus Rapid Transit* (BRT) e o veículo leve sobre trilho (VLT) –, empresas de mídia, como a Rede Globo e Editora Abril, companhias aéreas nacionais e internacionais, rede de hotéis e shoppings centers.

A intenção aqui é demonstrar como a estrutura pode ser lida como uma camada de muitas redes que se sobrepõem umas sobre as outras, formando um espaço digital. Esse espaço pode ser analisado como um conjunto de atores que se conectam ao território e formam uma totalidade complexa, em que cada subgrupo tem uma função definida.

Os atores da RO têm, assim, formas particulares de existência, podem agir de forma isolada e coletiva⁷, aglomerando-se e separando-se de acordo com a conjuntura. Perceber as redes significa compreender que se trata de um novo espaço, que condensa um novo sistema social⁸, transforma o padrão de articulação e hierarquização e redefine os processos e as relações que se estabelecem entre as partes e a totalidade. Como foi observado em pesquisas anteriores⁹, trata-se de formas complexas de organização do espaço, que revelam formas específicas de organização do poder e da valorização do capital no contexto da globalização¹⁰.

Norbert Elias (1994) já havia percebido o papel das redes de funções em 1939, revelando como essas são mediações que se estabelecem entre indivíduo e sociedade. Aplicando esse conceito na RO, fica evidente como os diferentes agentes, com suas próprias leis e funções, se constituem de forma autônoma e fazem a mediação entre os diferentes capitais que participam dos jogos.

Para entender essa complexidade, é fundamental perceber as relações políticas entre os membros associados. O advento das TICs transformou o espaço, colocando, no mesmo lugar e ao mesmo tempo, atores de diferentes esferas econômicas, políticas e sociais. Os algoritmos redefinem a transversalidade entre esferas e escalas do território, permitindo formas alternativas de dominação política, expropriação econômica e transformação social. O espaço se transmuta em todas as suas dimensões físicas, sociais e simbólicas. No caso específico da RO temos, assim, diferentes capitais, instituições governamentais, organizações nacionais e internacionais, de diferentes origens que se associam em rede, para alcançar objetivos compartilhados, inventando novas formas de valorização dos capitais associados globalmente.

Trata-se de estrutura de funções entre capitais e governos em diferentes escalas. Muitos pesquisadores do campo dos megaeventos insistem em abordar o mundo nas esferas separadas do Estado, capital e trabalho. Nossa proposta é definir os atores que formam a Rede Olímpica e compreender que constituem uma totalidade e exige uma análise própria ao processo de valorização do capital no contexto da globalização. O desafio é perceber como se distribuem as diferentes funções da rede. Podemos dividir cinco grandes ações políticas: *gestão, atração, impulso, mobilidade e difusão*¹¹. Essas ações revelam as atividades de valorização do capital na escala global. Para cada ação podemos observar e mapear a formação de uma rede de atores associados, a partir de objetos compartilhados. São muitas redes, elas se sobrepõem

⁷ Johson, 2003.

⁸ Castells, 1999.

⁹ Egler, 2007a; 2011.

¹⁰ Hardt e Negri, 1999.

¹¹ Ribeiro e Silva, 2005.

uma sobre as outras, formam uma totalidade que conecta um complexo de agentes para o objetivo de realizar as olimpíadas e a valorização de capitais resultante desse megaempreendimento.

Na rede de *gestão* podemos identificar o governo federal, estadual e local, pela mediação do Comitê Olímpico Brasileiro, associados ao Comitê Olímpico Internacional, e toda a rede de comitês olímpicos do mundo. Seu objetivo é criar condições para a destruição/construção de um circuito da globalização na cidade do Rio de Janeiro.

A responsabilidade da rede de *atração* compete aos atores midiáticos, como a imprensa local, as redes de rádio e televisão, as agências de publicidade, artistas que fazem as representações publicitárias. Elas se constituem em poderoso processo de comunicação e atração de agentes para a destruição/construção do plano urbano com sua infraestrutura de transporte e equipamentos esportivos. Ao mesmo tempo máquina de publicidade, quando se trata de levar adiante a tarefa de constituir a legitimidade da política junto a sociedade. Para dar concretude essa análise, lembramos o ininterrupto discurso dos meios de comunicação, especialmente da rede Globo a favor de sua realização. Era possível ler todos os dias, artigos valorização da política. Tudo isso fica mais fácil de perceber se lembramos como as pesquisas de então, apontavam um número importante de apoiadores. Segundo o Ibope, em 2014, quando os cariocas foram entrevistados sobre o evento, eles ficaram divididos, 47% esperavam mais prejuízos e 46% esperam mais benefícios¹². Mais impressionante é o grande número de pessoas, em torno de 45 mil, se inscreveram no site para trabalhar na grande festa¹³.

O que é a *impulsão*? O sentido de impulsão pode adquirir significado com o conceito da física que dá o significado a um corpo está imerso, que recebe uma energia e dirige o objeto verticalmente para cima. Podemos usar a metáfora para compreender que um impulso social significa um vetor, que faz uma comunicação e impulsiona um discurso para fora do lugar. Quer dizer o sentido de impulsão nos jogos olímpicos, foi fazer um discurso para impulsionar

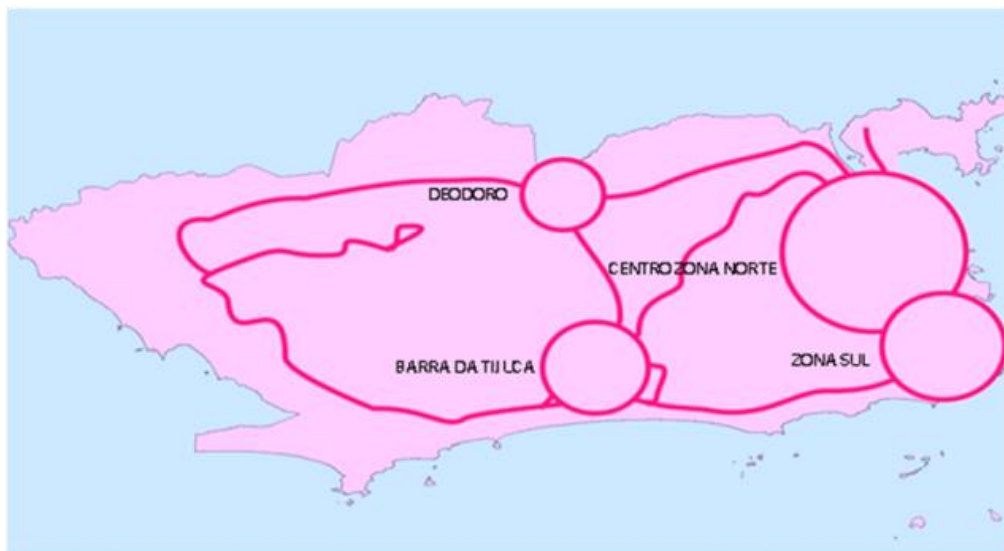
Para entender a impulsão na preparação da cidade, tomemos por exemplo o plano urbano. Foram construídos *clusters*, em cada canto da cidade, em que se construíram/revitalizaram os equipamentos para atividades esportivas, na Zona Oeste, Barra da Tijuca, Maracanã, de entretenimento na Zona Sul e de patrimônio histórico, no centro da cidade. O que se realiza a partir de uma estratégia de representação midiática, das belas paisagens da cidade e de sua gente, para efetivar a atração de todos os atores que participam do megaevento, desde os governos até os turistas. Essa análise é muito importante para nós, por que revela como existe um poder específico sobre cada um dos territórios, como territórios simbólicos do corpo, da identidade, da cultura, da memória. Cada território plasma um poder sobre o espaço urbano construído¹⁴. Na figura 1 podemos ler a linha que dá o contorno aos territórios globalizados no Rio de Janeiro.

¹² G1 RIO, 2016.

¹³ Época Negócios, 2016.

¹⁴ Egler, 2017.

Figura 1. Território globalizado



Fonte: IPP, 2016; Comitê Olímpico, 2016.

A figura 1 é uma síntese do território globalizado sobreposto à cidade do Rio de Janeiro. Para cada círculo um poder, capaz de fazer a impulsão de capital simbólico. Em Teodoro competições esportivas, na Barra competições e empreendimento imobiliário, na Zona Sul a identidade carioca, no centro o patrimônio histórico e a cultura. Cada um com seus signos, para impulsionar a imagem da cidade para o resto do mundo. Essa é a estratégia! Trata-se de criar uma subjetividade, inconsciente, para dar o consentimento aos exercícios do poder simbólico em benefício dos setores que o manipulam.

A rede da *mobilidade* está associada aos atores responsáveis pela criação dos circuitos locais dos transportes, como o Metro, o *Bus Rapid Transit* (BRT) e o veículo leve sobre trilho (VLT) BRT e também corredores de passeios a pé. É preciso mover o mundo para auferir os sentidos da globalização. A rede da mobilidade se forma com a participação dos governos, empreiteiras, agências de transporte e de serviços urbanos que atuam no mundo inteiro. São atores globais associados a atores locais que permitem a sua formação.

Quando a cidade fica pronta, entra em ação a rede da *difusão*, talvez a mais poderosa. Essa associa as mídias que atuam no mundo todo, cuja gestão é centralizada pela rede de televisão do próprio COI¹⁵. A pesquisa revelou que se articulam mais de 170 TVs e 25 mil jornalistas, quando a difusão atinge quatro bilhões de telespectadores para que assistam a magnificência das competições nas Olimpíadas. Para tanto, existe todo um conjunto de atores que financiam a mídia para fazer a difusão dos jogos.

Isso significa dizer que ela produz uma ação que tem por objetivo assegurar uma *gestão*, que tenha capacidade para produzir a *atração* de diferentes capitais para produzir a *impulsão* de capital simbólico e preparara cidade para a difusão da grande festa. O COI é o maestro que coloca os outros membros da rede sob sua gestão, enquanto o governo, juntamente com os capitais privados, tem a responsabilidade de produzir a infraestrutura de atração e a estrutura de transporte para a mobilidade de políticos, técnicos, atletas e turistas¹⁶. Ao mesmo tempo, a mídia promove o grande evento, garantindo a legitimidade junto à opinião pública e atraindo

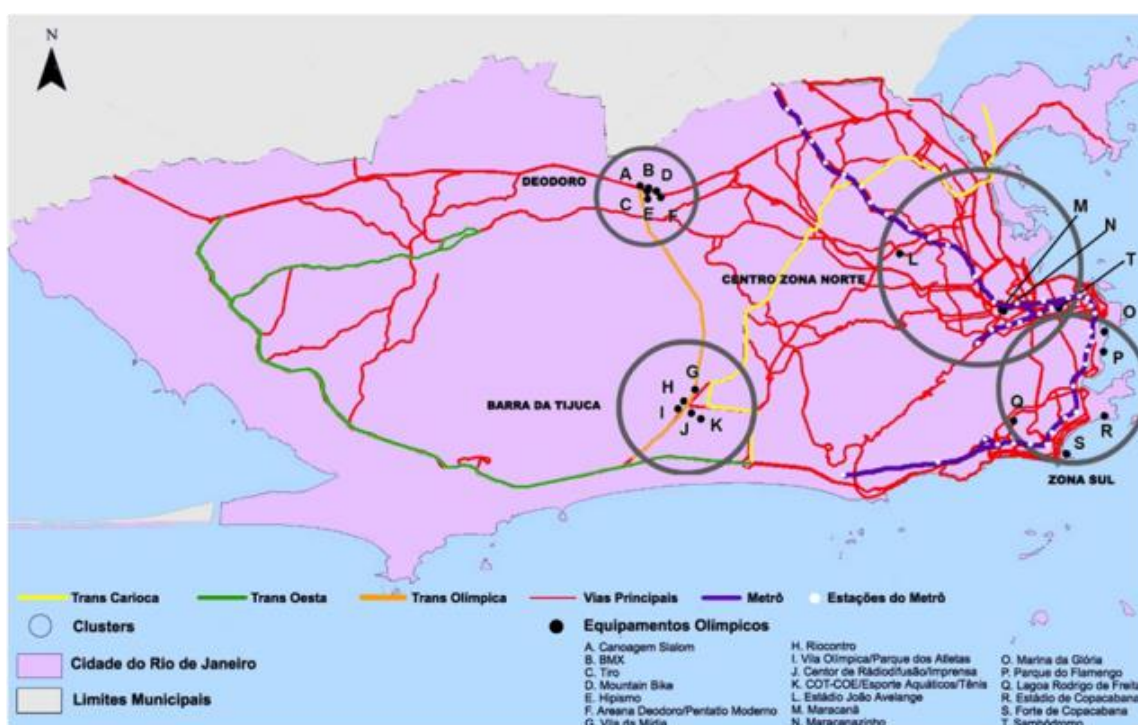
¹⁵ Jennings, 2006.

¹⁶ APO, 2016: APO, 2016a.

os patrocinadores. Assim, esses capitais acionam a *mobilidade* de uma multidão de turistas e permitem a difusão dos Jogos para quatro bilhões de telespectadores, o que resulta no consumo de mercadorias que plasmam valor agregado e produzem uma forma específica de apropriação do processo de valorização do capital advindo com o megaevento. Em outras palavras, o objeto desse megaevento contém grande valor de troca, pouco valor de uso e alto valor simbólico, além de salvaguardar os interesses do capital rentista que atua em escala global¹⁷.

É uma megaorganização que transforma os processos de construção e apropriação do espaço urbano. A rede faz a mediação entre os atores que se beneficiam de uma ação que coloca capitais associados no mesmo espaço e tempo, entorno de um objeto comum¹⁸ para atrair o maior número de turistas e assim compor a cena da grande festa. Podemos ler e ver o plano e seu desígnio na figura 2.

Figura 2. Sistema de transporte, equipamentos e clusters



Fonte: IPP, 2016; Comitê Olímpico, 2016.

Gestão

Quando a cidade do Rio de Janeiro foi vencedora do edital, o COI se responsabilizou por um conjunto de atividades e assegurou o seu lugar na posição do núcleo central da Rede Olímpica. Sua função era coordenar o edital responsabilizando-se pela gestão, aprovação e controle de um leque de atividades que fazem a ação necessária à realização do megaevento.

O edital do Comitê Olímpico Internacional (COI, 2007) apresentava as condições em que as cidades-candidatas deveriam observar na competição para sediar as Olimpíadas. As quatro

¹⁷ Harvey, 2005.

¹⁸ Egler, 2017.

diretrizes que orientavam a candidatura – gerais, legais, econômicas e espaciais – *constavam* do edital “*Candidature Acceptance Procedure and Questionnaire*” (COI, 2007). Esse contrato definia o plano urbano e a compreensão de quem podia e quem não podia participar, tanto no que se refere à produção do marco edificado, quanto à realização dos jogos.

O edital da candidatura revela claramente as estratégias que o poder global impõe ao espaço local. Nas diretrizes gerais, o texto discorre sobre como o Brasil se empenhava a levar adiante a produção dos equipamentos necessários à realização dos jogos, comprometendo-se, para isso, a concordar com o código de conduta do COI¹⁹. Além disso, o Estado brasileiro assumia os diversos investimentos necessários ao megaempreendimento, como os custos de segurança, médicos, alfandegários, de imigração e de outros serviços relacionados, sem ônus algum para o Comitê Organizador. Cabia ao governo brasileiro elaborar planos e projetos das condições gerais das instalações na cidade, sendo necessário observar o Manual Técnico de Espaços do COI para normas e projetos de locais de competição, o que atribuía ao COI um poder legal que se impunha à legislação urbana local.

As diretrizes econômicas são claras quando contratam o país e a cidade para fazerem todos os investimentos necessários para a realização das obras de infraestrutura. As diretrizes espaciais atestam o poder do COI de terceirizar todos os custos para o plano dos jogos, e criam prerrogativas que o beneficiam para tomar decisões sobre os atores que participam da RO. Ao orquestrar esse megaempreendimento, o COI garante a prerrogativa por definir a função de cada ator na rede.

Porém, para que isso possa se concretizar é preciso mudar as prerrogativas legais do lugar. Com efeito, a adequação da legislação local ao âmbito global revela a relação de subordinação, quando o governo local assina esse contrato, submetendo-se às finalidades do processo de globalização. Entrega-se, assim, a soberania nacional, na medida em que a cidade eleita assume a responsabilidade dos custos, mas não é anunciado o destino dos ganhos. O edital apresenta normas e um conjunto de deveres do lugar, mas não a contrapartida de direitos para os atores locais. Não são nomeados os benefícios decorrentes dos jogos, mas apenas as responsabilidades quanto aos investimentos que fazem parte das condições necessárias para transformar a cidade no palco principal da mobilidade de mercadorias e turistas que deverão compor e participar dos jogos.

Atração

O edital promove uma competição entre as diferentes cidades-candidatas, e a cidade contemplada – isto é, a cidade vencedora – tem sua existência social, política e econômica profundamente afetada. Estamos, pois, diante de um contrato que institui um poder capaz de realizar uma ação política que transforma a formação de territórios na cidade, revelando claramente como a produção de grandes eventos ocupa um lugar central no contexto da globalização do mundo.

As exigências espaciais definem um modelo de desenvolvimento urbano associado à realização de grandes obras, que reúnem a atratividade necessária para a mobilidade de atletas e turistas para o consumo de bens simbólicos, como jogos esportivos, patrimônio histórico-

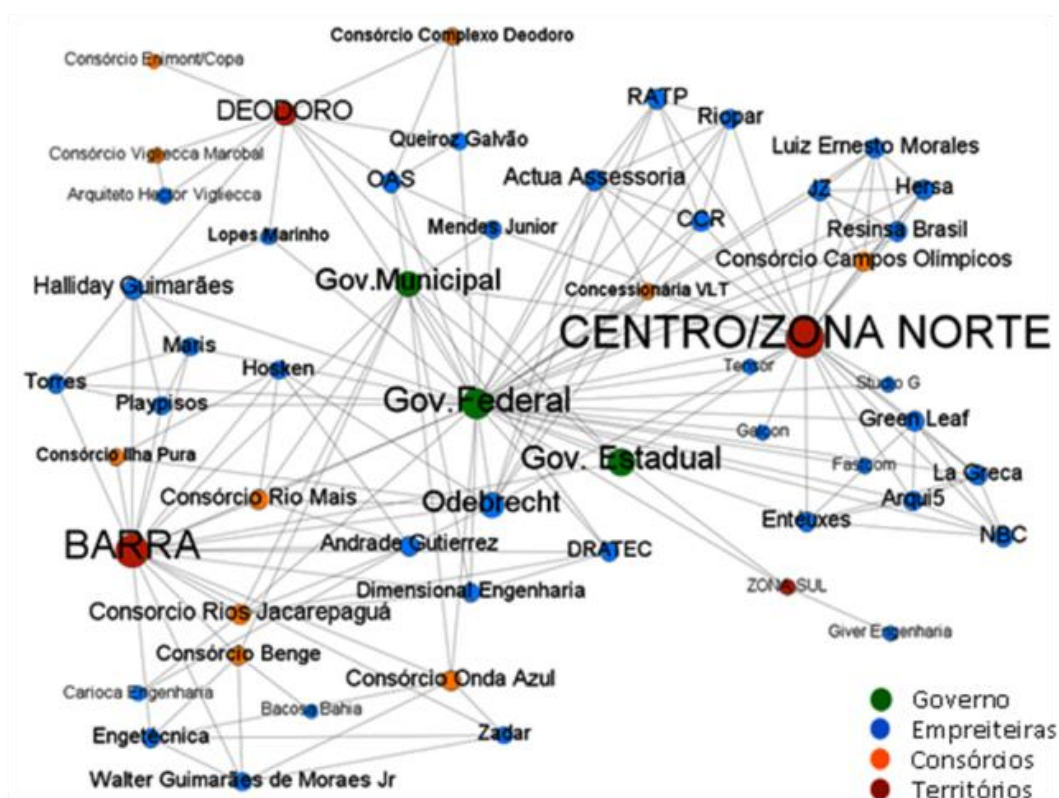
¹⁹ COI, 2007.

cultural, consumo de mercadorias para a simples fruição dos sentidos de distinção. E fazem a atração de empresas, trabalhadores e consumidores.

Essas relações podem ser lidas na figura 3, na qual estão representadas a rede de atores que se associam para a construção equipamentos e da rede de territórios. Ela mostra que a Rede Olímpica, por mediação da atração, produz uma totalidade de processos que culmina na produção de uma rede de territórios.

Os atores representados foram identificados a partir do Plano de Políticas Públicas e da Matriz de Responsabilidade²⁰, dois documentos oficiais relativos aos compromissos assumidos pelos entes governamentais Autoridade Pública Olímpica (APO) e Comitê Rio 2016, associados exclusivamente à organização e realização dos Jogos Rio 2016. Foi com base nesses documentos, que discriminam os principais atores responsáveis pelo financiamento e pela execução de obras, que se desenvolveu a sua representação gráfica, e pela utilização do *software* Gephi.

Figura 3. Redes de atores e redes de territórios



Fonte: APO, 2016; APO, 2016a

Na Figura 3 estão indicados os territórios de Deodoro, Barra da Tijuca, Zona Sul e Centro Zona Norte, visualizados na cor vinho. A cor azul representa as empreiteiras, a cor laranja os consórcios de empreiteiras; em verde são indicadas as três instâncias de governos – federal, regional e local. São elas que concebem, financiam e contratam a execução do plano urbano e a construção dos equipamentos para a megafesta pelas empreiteiras associadas. A participação do governo federal nos investimentos destinados à realização das Olimpíadas foi fundamental,

²⁰ APO, 2016 e APO, 2016a.

sendo ele o responsável pela maior parcela dos recursos financeiros, necessários para a megarreforma urbana.

A figura tem o objetivo preciso de revelar as relações existentes entre a ação política e a transformação do espaço, conforme afirmado por Ana Clara Torres Ribeiro (2011). Assim, podemos afirmar como as práticas dos atores globais transformam o espaço local, a partir da análise das relações entre rede de capitais e rede de territórios.

As linhas não só representam fios invisíveis de comunicação que conectam os membros associados à rede, como, ao mesmo tempo, permitem ler de que maneira essa rede age na transformação do território. Sabemos, desde Hannah Arendt (1994), que o poder é a capacidade de ação coletiva. Esses atores associados em rede movem-se, juntos, em direção à defesa de interesses compartilhados, produzindo uma rede de territórios.

O tamanho da circunferência indica a importância de cada ator. Na figura podemos ler como o governo federal é o ator principal, pois ocupa um lugar central que articula todos aqueles que participam da realização do megaempreendimento. O território mais importante se localiza na Barra da Tijuca, epicentro do plano, onde foram realizados os maiores investimentos e estão localizados o Parque Olímpico e a Vila Olímpica. Importantes investimentos também foram feitos na Zona Centro-Norte, por conta do Porto e do Maracanã. Em Deodoro e na Zona Sul, os investimentos foram menores.

As empreiteiras associadas à rede produzem a construção propriamente dita dos equipamentos. Para tanto, contam com escritórios de arquitetura que respondem pela produção de projetos, organizam seus canteiros de obras, contratam trabalhadores para a sua execução e se responsabilizam pelo término das obras. As empreiteiras têm um papel fundamental, pois associam atores governamentais e capital privado para produzir os equipamentos necessários à realização do jogo olímpico. Em outras palavras, produzem a dimensão física, a materialidade, ou, como prefere Milton Santos (1994;1996), a tecno-esfera do espaço, com vistas à realização das competições.

São cinco as grandes empreiteiras: Odebrecht, Mendes Júnior, Camargo Correia, OAS e Queiroz Galvão (APO, 2016). As grandes obras permitem uma ampla manipulação dos custos e compreendem ganhos não contabilizados, que resultam de prerrogativas políticas. Sabemos que grandes obras podem ter seus custos manipulados quando os empresários pagam aos políticos propinas em troca de benefícios privados. A Odebrecht ocupa um lugar central, respondendo pela gestão do maior número de equipamentos e pela interação com as outras empreiteiras. Fica explícita sua importância na articulação de outras empreiteiras menores e na produção do maior número de equipamentos.

Quando estávamos fazendo a pesquisa, esses agentes emergiram como importantes atores da RO. Não nos surpreendemos quando Marcello Odebrecht, então presidente da companhia, foi preso e acusado de ser um empresário que fez crescer sua empresa à custa da corrupção, a empresa chegou a uma receita de 100 bilhões, entre os anos de 2003 a 2016, dos quais 2 a 5 por cento eram para o pagamento de propinas aos políticos²¹; ou quando Sergio Cabral, então o governador do Rio de Janeiro, foi preso por ser um dos políticos beneficiado pessoalmente com o recebimento de propinas, enriquecendo vertiginosamente ao custo de recursos públicos; ou quando Carlos Nuzman, então presidente do Comitê Olímpico do Brasil

²¹ Pereira e Friedlander, 2017.

foi preso acusado de corrupção durante o processo de votação que elegeu o Rio sede da Olimpíada 2016²².

Para dar concretude econômica, o Quadro 1 apresenta os dispêndios que foram realizados pelos atores governamentais e pelo capital privado para a construção dos equipamentos e da infraestrutura urbana. Os resultados apresentados estão associados as atividades desenvolvidas pela Parceria Público-Privada – PPP, em que se revela a gestão da construção do plano e se identifica os atores responsáveis pelo financiamento e gestão de recursos públicos.

A análise dos quadros da APO não foi fácil, pois os dados são manipulados e apresentados em partes, separando a infraestrutura da obra propriamente dita. Trata-se de uma forma de encobrir os enormes custos governamentais que foram realizados. A nossa tarefa foi decoupar os elementos para tornar claros esses custos. Para tanto, dividimos os dispêndios em cinco partes: infraestrutura, saneamento do meio ambiente, equipamentos, mobilidade e centro de análise de *doping*.

No Parceria Público-Privada está escrito que foram dispendidos 26,92 bilhões de reais, dos quais contabilizamos 11,33 bilhões de reais para a infraestrutura e o saneamento do meio ambiente (cerca de 42%). Para a mobilidade 13,60 bilhões (em torno de 40%). Para os equipamentos foram destinados apenas 107,00 milhões de reais (o equivalente a 0,56% dos custos realizados)²³. O legado social que deverá resultar desse processo – a construção de quatro escolas – representam apenas 0,12% dos custos. Fica claro como e para que se contratam as obras no nosso país.

Os dados que conseguimos não revelavam a totalidade dos custos, e também não foi possível entender com clareza a participação do capital privado nas obras. Mesmo assim, a apresentação dos resultados a que chegamos permite reconhecer pelo menos uma parte do montante investido na construção da infraestrutura e dos equipamentos. Isso foi possível porque localizamos diferentes dados que mostram os custos das Olimpíadas, que variam de 30 a 50 bilhões de reais²⁴.

²² Guimarães e Rouvenat, 2017.

²³ APO, 2016a.

²⁴ Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2015.

Quadro 1. Custos do governo e do capital privado no Plano Olímpico

Nome	Destinação	Agentes de financiamento	Governo Municipal	Governo Federal	Governo Estadual	Privado	Tot.	%
Infraestrutura	Porto Maravilha	Gov. Federal (CEF)	592,00	0,00	0,00	7.608,00	8.200,00	32,45%
	Domínio Urbano de Deodoro		0,00	51,90	0,00	0,00	51,90	0,21%
	Requalificação entorno do Estádio Olímpico		115,74	0,00	0,00	0,00	115,74	0,46%
Saneamento e Infraestrutura do Meio ambiente	Obra de Reabilitação Ambiental da bacia de Jacarepaguá	Gov. Federal (CEF) Gov. Municipal	46,90	322,28	673,00	0,00	1.042,18	4,12%
	Desvio Do Rio Joana e reservatório de contenção		305,02	284,92	0,00	0,00	589,94	2,33%
	Saneamento Zona Oeste (Bacia do Rio Marangá)		0,00	0,00	0,00	431,00	431,00	1,71%
	Esgotamento Eixo Olímpico		0,00	0,00	57,90	0,00	57,90	0,23%
	Reater uma parte do lixo que chega à Baía de Guanabara		0,00	0,00	124,67	0,00	124,67	0,49%
	Restaurar ambientalmente as lagoas de Marapendi, Camorim, Tijuca e Jacarepaguá, além do Canal da Joatinga		0,00	0,00	673,00	0,00	673,00	2,66%
	Esgoto do Eixo Olímpico, da Restinga de Itapeba e do entorno da Lagoa da Tijuca para a Estação de Tratamento de Esgoto da Barra		0,00	0,00	50,13	0,00	50,13	0,20%
Total	10	2	1.059,66	659,10	1.578,70	8.039,00	11.336,46	44,86%
Equipamentos para Jogos + arenas	Universidade da Força Aérea (UNIFA)	Gov. Federal						
	EEFD/UFRJ Construção de complexo para hóquei sobre a grama, rugby e nado sincronizado e reforma							
	CEFAN Criação de Infraestrutura necessária ao apoio para treinamento das equipes olímpicas de futebol, voleibol, saltos ornamentais, pólo aquático e levantamento de peso		0,00	76,05	0,00	0,00	76,05	0,46%
	Clube de Aeronáutica na Barra, ginásio poliesportivo; campos de futebol, rugby, pista de atletismo							
Arenas parque olímpico	Montagem das quatro escolas da Arena do Futuro	Gov. Federal (CEF)	31,20	0,00	0,00	0,00	31,20	0,12%
Total	5	1	31,20	76,05	0,00	0,00	107,25	0,42%
Mobilidade	VLT do Porto		0,00	532,00	0,00	656,75	1.188,75	4,70%
	BRT's		1.915,65	0,00	0,00	479,24	2.394,89	9,48%
	Duplicação do Elevado do Joá		457,95	0,00	0,00	0,00	457,95	1,81%
	Sistema viário do Parque Olímpico		514,36	0,00	0,00	0,00	514,36	2,04%
	Linha 4 do metrô		0,00	0,00	7.633,40	1.157,48	8.790,88	34,79%
	Revitalização das estações do sistema ferroviário		0,00	0,00	0,00	259,83	259,83	1,03%
Total	6		2.887,96	532,00	7.633,40	2.553,30	13.606,66	53,85%
Laboratório de análise de doping	Laboratório Brasileiro de Controle de Dopagem (LBCD).	Gov. Federal	0,00	188,36	0,00	0,00	188,36	0,75%
	Montagem das 4 escolas da Arena do Futuro	Gov. Federal	0,00	31,20	0,00	0,00	31,20	0,12%
Total	2	1	0,00	219,56	0,00	0,00	219,56	0,87%
Total	23	4	3.978,82	1.486,71	9.212,10	10.592,30	25.269,93	100%

Fonte: APO, 2016a.

No que se refere aos atores responsáveis pelo investimento podemos contabilizar como o capital privado investiu em torno de oito bilhões de reais, ou seja, 42 por cento do total²⁵. A prefeitura carioca fez um investimento da ordem de quatro bilhões, equivalente a 17 por cento. O governo estadual entrou com nove bilhões, em torno de 36 por cento e o governo federal com 6 por cento. Trata-se de percentagens sobre a totalidade dos investimentos de 26,92 bilhões. Como não foram identificados os gastos por obra, como por exemplo na região

²⁵ APO, 2016a.

do Porto, tornou-se difícil entender qual foi o investimento realizado pelo capital privado e pelo poder público. Isso se explica, pelo menos em parte, nas obras existem responsabilidades públicas e privadas concomitantes.

Quanto ao transporte, o governo responde pela infraestrutura para a construção de veículos leve sobre trilho (VLTs) e *Bus Rapid Transit* (BRTs)²⁶. A empresa do VLT se beneficia nesse processo, pois o governo custeia a infraestrutura e a empresa do VLT vende os veículos. Os gastos governamentais dizem respeito principalmente à infraestrutura de transportes dos BRT, VLT e a Linha 4 do Metro. Enquanto as empresas BRT e VLT, por exemplo, se beneficiam dos lucros advindos com a sua operação. Tudo fica mais claro, se observamos como a empresa do BRT atua em mais de 150 países, seu negócio é a venda de serviços urbanos para a mobilidade global²⁷. A Parceria Público Privada da prefeitura tem essa estratégia política: encobrir a realidade da relação que se estabelece entre o governo local e o capital nacional e internacional²⁸.

O segundo passo do nosso procedimento foi listar outras obras, que não estavam indicadas no PPP. Elas estão apresentadas no Quadro 2, montado a partir de um grande número de fontes. Vale dizer que o quadro carece de uma maior precisão, pois os valores apresentados nas diferentes fontes não eram uniformes. Mesmo assim, optamos para apresentar o que foi possível identificar na nossa pesquisa.

O quadro menciona explicitamente duas obras – a derrubada da Perimetral²⁹ e a infraestrutura da Vila Olímpica –, e itens de custos relativos à candidatura, à propaganda e à segurança³⁰. Nessa direção foram realizados investimentos da ordem de 34 bilhões de reais, na hipótese mais modesta.

Quadro 2. Custos gerais do plano olímpico

Nome	Destinação	Governo Municipal	Governo Federal	Governo Estadual	Privado	Total	Porcentagem
Renovação Urbana	3	707,74	51,9	0	7608	8367,64	25,35%
Desenvolvimento social	1	31,2	0	0	0	31,2	0,09%
Renovação Urbana e Controle de enchente	1	305,02	284,92	0	0	589,94	1,79%
Mobilidade Urbana	7	2887,96	816,92	7633,4	1157,48	12495,76	37,86%
Meio ambiente	6	46,9	322,28	1578,7	431	2378,88	7,21%
Educação, Ciência e Tecnologia	2	0	219,56	0	0	219,56	0,67%
Infraestrutura esportiva	4	0	76,06	0	0	76,06	0,23%
Candidatura					90	90	0,27%
Publicidade			12	52		64	0,19%
Segurança			2900			2900	8,79%
Derrubada da Perimetral						1200	3,64%
Vila Olímpica						2909	8,81%
Hotéis para Imprensa Internacional						1685	5,10%
Total		3978,82	4683,64	9264,1	9286,48	33007,04	100,00%

Fonte: APO (2016); APO (2016a); Bastos (2012); Bastos (2012a) Santos (2011), Werneck (2016), Rosa e Peron (2015), Portal Brasil, 2016

²⁶ APO, 2016a.

²⁷ <http://www.vltcarioca.com.br/?gclid=COvO08eTwe8CFUjAkQod2IMFJA>

²⁸ APO, 2016a.

²⁹ Bastos, 2012a.

³⁰ Werneck, 2016; Rosa e Peron, 2015.

Ao todo contabilizamos o valor de 34 bilhões de reais, dos quais 37,86 por cento foram destinados à infraestrutura urbana necessária para a realização da mobilidade, outros 25,35% destinados à infraestrutura urbana do Porto Maravilha, e 8,81% à Vila Olímpica, ambos em benefício do capital imobiliário. A derrubada da Perimetral correspondeu a 3,64% dos custos e a segurança a 8,79%³¹. Pasmem, para os equipamentos propriamente ditos foram despendidos apenas 0,23%! São dois os maiores beneficiários desses processos, os capitais internacionais e os capitais nacionais associados à constituição da mobilidade global e à valorização do capital imobiliário, como já nos havia advertido Harvey (2005).

Para que tenhamos uma ideia da magnitude desse custo, façamos uma comparação entre ele e a arrecadação do estado do Rio de Janeiro. Com efeito a receita total do orçamento fiscal estadual do ano de 2016³² foi entorno de R\$ 60 bilhões de reais, ao passo que as Olimpíadas custaram, aproximadamente, 34 bilhões. Portanto, os custos dos Jogos equivaleram a 52% da arrecadação líquida do estado para 2016. À guisa de ilustração, os gastos com educação, saúde e esporte/lazer somaram cerca de dez bilhões³³.

Quadro 3. Arrecadação do Estado do Rio de Janeiro: gastos com as Olimpíadas; despesas do estado com educação, saúde e esportes

Item	Valor (R\$ MM)
Arrecadação líquida	60.648,69
Gastos com as Olimpíadas	31.756,60
Despesas com educação (*)	4.652,31
Despesas com saúde (*)	5.065,04
Despesas com desporto e lazer (*)	163,90

(*) Recursos do Tesouro estadual.

Fonte: SEPLAG, 2016.

Mobilidade

A Rede Olímpica está dedicada a estimular práticas de consumo de bens simbólicos. Ela gera uma atratividade capaz de produzir a mobilidade dos espectadores dos jogos. Para realizar essa enorme operação, é preciso entender que essa mobilidade depende da realização desses megaeventos que atraem multidões, envolvendo as empresas aéreas e os sistemas de transporte locais que fazem a mobilidade dos atletas e turistas. Por isso os 38% do investimento total foi realizado na infraestrutura de transporte.

Outro elemento observável é como as empresas áreas se associam à Rede Olímpica. Sua função é fazer a mobilidade internacional, daí a importância de renovação dos aeroportos nas cidades globais. Essa prática revela-se imediatamente quando visitamos um site de empresa aérea e somos orientados a fazer a reserva de hotel e também de automóvel. Na realidade, grandes e pequenos capitais e outras organizações, em grande número, estão articulados entre si. Esses capitais acionam os *impulsos* globais, e permitem a atração dos diferentes atores em torno do megaempreendimento.

³¹ Bastos, 2012a.

³² Somatório de todos os valores arrecadados pelo estado.

³³ SEPLAG, 2016.

A atração de espectadores para o Rio de Janeiro se situou em torno de um milhão de pessoas. O argumento em defesa do turismo e dos Jogos é de que eles gastam por dia, na cidade, a quantia de 200 dólares, consumindo tanto alimentos e hospedagem quanto peças de vestuário, joias e outras mercadorias de luxo. São superficialidades e capital simbólico, que portam signos de distinção para aqueles que os detêm³⁴. Esse argumento cai por terra quando sabemos que os pacotes são vendidos por operadoras internacionais de turismo, sendo os pagamentos dos agenciadores realizados no exterior.

Se focarmos nas lojas de cosméticos, presentes principalmente em aeroportos e shoppings, poderemos entender como elas também se organizam em rede³⁵. Dentro da RO, a identidade visual de uma rede de cosméticos está toda programada num mesmo projeto – as partes formam uma totalidade. Em outras palavras, a identidade visual sugere que são muitas e diferentes empresas; entretanto, associadas em rede, são geridas pela mesma organização e se reproduzem em todo o mundo.

Impulsão e Difusão

Cabe à mídia fazer a difusão do discurso compartilhado para produzir a imagem da cidade maravilhosa. A possibilidade de se fazer propaganda de todo e qualquer tipo de mercadoria exerce forte atração sobre as emissoras de difusão. Como o COI estabeleceu que não haveria a exclusividade na transmissão dos jogos, a TV Globo, a TV Record e a TV Bandeirantes foram autorizadas a comprar direitos de transmissão. Além delas, foi formada uma enorme rede de emissoras do mundo todo.

A atividade de *difusão* exercida pela mídia faz a propagação dos *vetores* pela mediação de tecnologias. O que importa é atingir o maior número de pessoas para produzir um espetáculo³⁶, capaz de fazer a impulsão de capital simbólico, para estimular a produção e ao consumo das mil mercadorias presentes na realização dos jogos. A difusão da imagem dos jogos produz fatores de *atração e impulsão* e define o processo de globalização. A mídia produz os fios invisíveis de comunicação que transformam o mapa do mundo. Podemos visualizar essa percepção na figura 4, construída a partir da identificação e da localização das emissoras televisivas que fizeram a difusão do evento. Seus ganhos resultam da transmissão dos jogos para todo o mundo, auferidos com as campanhas de propaganda dos patrocinadores no sistema de difusão global. Podemos imaginar os ganhos dessa rede televisiva que conectou o impressionante número de 220 países, que deverão assistir aos Jogos, tratando-se de uma megarede de difusão da competição. Estima-se em quatro bilhões o número de telespectadores que assistiram às Olimpíadas³⁷.

³⁴ Bourdieu, 1998.

³⁵ Almeida, 2015.

³⁶ Debord, 1997; Sanches, 2003.

³⁷ De Sá, 2016.

Figura 4. Emissoras de TV



Fonte: Totalsportek2, 2015.

Esse número resulta de uma pesquisa que indica como o número de espectadores cresce a cada edição dos Jogos. Assim, se a audiência nos Jogos Olímpicos de Beijing, em 2008, foi de 3,546 bilhões de pessoas, e nos de Londres, em 2012, foi de 3,635 bilhões³⁸, então nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro chegou-se a algo em torno de quatro bilhões de pessoas. É inimaginável o que se pode vender e lucrar com a difusão dos jogos, quando se tem como perspectiva um público de cerca de quatro bilhões de telespectadores/consumidores³⁹. E, quem auferem os lucros com esses patrocinadores?

O sistema da Rede Olímpica, montado com a participação das principais corporações do Brasil e do mundo, faz a atração dos patrocinadores que financiam a transmissão. A rede inclui dois tipos de patrocinadores: os patrocinadores olímpicos mundiais, que têm contratos de longo prazo com o COI, como Mc Donald's, Omega, Panasonic, Visa, Coca-Cola, Atos, P&G, Samsung, Dow, GE, Bridgestone, e os patrocinadores oficiais dos Jogos do Rio 2016, na sua grande maioria empresas brasileiras, como Banco do Brasil, Bradesco, Correios, Embratel, Claro TAM, 361°, Globo, EY, Sadia, Batavo, Skol, CISCO, Estácio⁴⁰. Capital financeiro e agentes de comunicação, são os maiores beneficiários desse mega empreendimento. Eles patrocinaram os jogos olímpicos, e auferiram lucros extraordinários, no financiamento do megaempreendimento. Essa é apenas uma hipótese que me conduz a pensar sobre a importância do capital financeiro no contexto da globalização. Harvey já havia analisado sua importância associada ao capital imobiliário, com certeza ele tem razão, além disso, podemos pensar na articulação do capital financeiro com as empresas de comunicação. Temos também a Skol, cerveja. Ela estava associada, por que nos territórios globalizados, só se vendeu essa marca. Quer dizer além de produzir uma subjetividade favorável, era preciso dispor de cerveja, para animar fisicamente os espectadores para a grande festa.

Foram construídos dois edifícios para abrigar as atividades do Centro Internacional de Transmissão das competições, que funcionaram 24 horas no período do megaevento⁴¹. Neles foram instalados os escritórios de cerca de 70 emissoras de TV e de rádio que pagaram ao COI

³⁸ COI, 2008.

³⁹ SIMON, 2015.

⁴⁰ Pussieldi, 2014.

⁴¹ Coelho, 2015.

pelos direitos de transmissão. Além disso, foi construído um hotel especialmente para abrigar as atividades da mídia. Com 404 quartos, o hotel tem área de lazer completa, com piscina, centro de convenções, academia e bar. Sua construção resultou de uma parceria entre o setor privado (R\$ 1,15 bilhão) e o setor público (R\$535 milhões)⁴². Até o hotel foi financiado pelo poder público brasileiro!

A totalidade da Rede dos Jogos Olímpicos gera vetores pela mediação de tecnologias de informação e comunicação e produz processos específicos de dominação e expropriação⁴³. O processo de globalização assume uma forma específica de organização do poder: associa atores públicos e privados, atua de forma rizomática e expande sua ação de forma ininterrupta ao redor do planeta mundo⁴⁴.

Concluindo

Os atores associados à Rede Olímpica enunciam um discurso que se propaga no espaço mundo e que movimentada toda ação de valorização do capital. Esses *vetores*, impulsionados pela mediação de TICs, formam uma subjetividade coletiva compartilhada, que demanda o consumo de bens simbólicos, concebidos e produzidos pelo processo de valorização dos capitais que atuam no megaevento. São os discursos dos atores que participam da rede que *arremessam, dirigem e orientam* práticas de produção e consumo e respondem pelos interesses obscuros do processo de valorização do capital no contexto da globalização⁴⁵.

As redes de atores permitem práticas inovadoras de expropriação. Para além da mais-valia, a valorização dos capitais membros da Rede Olímpica resulta de estratégias que condensam, impulsionam e dirigem a ampliação de práticas de consumo de bens simbólicos. Os atores agem individual e coletivamente em direção à realização de interesses individuais e coletivos. Essa rede de interesses compartilhados não deve ser confundida com as alianças entre capitais do capitalismo concorrencial. Visto que o processo de valorização do capital é profundamente distinto, já não estamos diante de um capital individual, mas de uma rede, e a mercadoria não é material e tangível, mas imaterial e intangível. Não se trata de capital produtivo, mas de capital financeiro. Afinal, não estamos na fábrica, mas na cidade, e, portanto, não se trata de produção, mas de uma representação simbólica para ampliar o consumo de bens socialmente desnecessários. A análise que considera a cidade como mercadoria perde seu significado, porque o objeto de valorização não é a cidade, mas a mobilidade para o consumo.

Portanto, essa rede de atores globais tem como objeto de interação formas alternativas de valorização do capital, visto que associa tanto atores que atuam globalmente quanto atores que atuam localmente. Para compreender essa associação em rede, é preciso considerar que as TICs produzem transversalidades entre campos e que elas nos obrigam a reconhecer que o mundo está em transformação ininterrupta, permitindo formas de associação e formação de institucionalidades e de capitais associados inesperadas.

Na modernidade, a interpretação do mundo se faz pela separação entre as disciplinas. Essa organização do conhecimento divide o mundo e delega para cada disciplina responsabilidades analíticas distintas: a economia estuda as relações entre trabalho e capital no processo de

⁴² Coelho, 2015.

⁴³ Ribeiro e Santos, 2005.

⁴⁴ Castells, 2009.

⁴⁵ Ribeiro e Silva, 2005; Egler, 2007, 2010.

acumulação; a política as instituições governamentais; a comunicação o papel da mídia. A análise da Rede Olímpica exige a interação conceitual, e o procedimento analítico deve se dar pela análise da rede que constitui um *campo*, para fazer a interlocução com Bourdieu (1998).

Estamos diante de um processo que se realiza pela centralização do poder político, pela articulação de diferentes capitais que atuam na concepção, na formulação e na execução econômica. Ao reconhecermos a materialidade e a imaterialidade, a techno-esfera e a psico-esfera, a economia, a política e a comunicação, podemos compreender a lógica da globalização. Quando se funde poder político que se associa ao poder econômico e cultura se produz uma estratégia política que faz a defesa dos interesses associados na Rede Olímpica. Quando se impulsiona um discurso midiático, o consumo de bens com alto poder simbólico. Estamos diante de uma transição, em que se redefinem os atores e, no lugar do capital na fábrica, encontramos a rede na cidade. Substitui-se uma sociedade industrial, de produção mecânica material, por uma sociedade de produção de bens simbólicos, imateriais, de capital globalizado.

A associação de agentes internacionais aos atores públicos e privados locais, produz uma burocracia altamente eficiente e capaz de representar toda sorte de discursos, que tem o objetivo de criar um sentido de bem-estar social, descolada da realidade nos fatos, porque faz a defesa de seus interesses privados. Isso nos permite compreender que a Rede Olímpica é capaz de enunciar um discurso de bem-estar, no qual o plano urbano representa uma realidade que não existe, quando os custos econômicos do empreendimento são manipulados e os ganhos são omitidos.

Na realidade o que podemos observar nos fatos é que o megaempreendimento está associado ao plano urbano, que guarda pouca relação com as necessidades de vida e de trabalho na cidade. É uma grande montagem de cenários que enunciam um discurso para o bem comum, enquanto a investigação realizada atesta um mega investimento para a valorização dos capitais associados à Rede Olímpica. Os fatos examinados atestam, na realidade, que estamos diante de uma poderosíssima organização influente e manipuladora. Quando são reinventadas as relações entre os atores políticos associados aos capitais privados, sua ação resulta na manipulação da subjetividade coletiva, usurpação econômica e práticas de dominação política.

Bibliografia

ALMEIDA, C. R. *A rede de cosméticos no Rio de Janeiro*. Relatório apresentado para a pesquisa “Redes e mediações no Jogo Olímpico”. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, labEspaço, 2015.

AUTORIDADE PÚBLICA OLÍMPICA – APO (2016). *Plano de Políticas Públicas*. [En línea]. <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/legado/plano-de-politicas-publicas>>. [30 de maio de 2016].

AUTORIDADE PÚBLICA OLÍMPICA – APO (2016a). *Matriz de Responsabilidade*. [En línea]. <<http://www.apo.gov.br/index.php/matriz/atualizacao/>>. [15 de agosto de 2016]

BASTOS, I. Consórcio da CCR assume a Transolímpica. *O Globo*, 20 de abril de 2012. [En línea]. <<http://oglobo.globo.com/rio/transito/consorcio-da-ccr-assume-transolimpica-4694935>>. [20 de fevereiro de 2016].

BASTOS, G. Prefeitura do Rio prepara derrubada da Perimetral. Projeto Comunicar, *Portal PUC/Rio Digital*, 04 de Maio de 2012a. [En línea]. <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Texto/Cidade/Prefeitura-do-Rio-prepara-derrubada-da-Perimetral-12295.html#.V_-YcPkrLDc>. [30 de maio de 2016].

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRASIL. *Brasil 2016, Portal Oficial do Governo Federal sobre os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016*, 2016. [En línea]. <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes>>. [1 de junho de 2016].

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. *Communication y Poder*. Barcelona: Aliança Editorial, 2009.

COELHO, H. Paes entrega Centro Internacional de Transmissão dos Jogos Rio 2016. *O Globo*, 09 de novembro de 2015. [En línea]. <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2015/11/paes-entrega-centro-internacional-de-transmissao-dos-jogos-rio-2016.html>>. [25 de março de 2016].

COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL – COI. *Candidature Acceptance Procedure and Questionnaire*, 2007. [En línea]. <https://stillmed.olympic.org/AssetsDocs/importednews/documents/en_report_1213.pdf>. [15 de maio de 2016].

COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL – COI. *IOC marketing media guide: Beijing 2008*, 2008. Lausanne: IOC, 2008. [En línea]. <http://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_1329.pdf>. [01 de mar. de 2016].

COMITÊ POPULAR DA COPA E DAS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO. *Megaeventos e violação dos direitos humanos no Rio de Janeiro. Dossiê do Comitê popular da copa e das olimpíadas do Rio de Janeiro*, 2015. [En línea]. <https://br.boell.org/sites/default/files/dossiecomiterio2015_-_portugues.pdf>. [15 de maio de 2016].

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE SÁ, N. Olimpíada terá cobertura colossal de canais de TV aberta e fechada. *Folha de S. Paulo*, 24 de abril de 2016. [En línea]. <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no>>

rio/2016/04/1764315-olimpiada-tera-cobertura-colossal-de-canais-de-tv-aberta-e-fechada.shtml>. [05 de maio de 2016].

EGLER, C. A. G. Questão regional e gestão do território no Brasil. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C. & CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2007.

EGLER, T. T. C.. Políticas urbanas globais para espaços locais. *Economia, Sociedade e Território*, janeiro-junho de 2005, vol. 17, n. 5,

EGLER, T. T. C. Jogos pan-americanos para um Rio global. In: VALENÇA, M. (Org.), *Globalização e marginalidade: transformações urbanas*. Natal: EDUFRN, 2007.

EGLER, T. T. C. *Ciberpólis: redes no governo da cidade*. Rio de Janeiro, Sete Letras, 2007a.

EGLER, T. T. C. Jogo no Rio. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* (ANPUR), 2010, num. 12, p. 87-101.

EGLER, T. T. C. Vital e virtual nas políticas urbanas. In *Anais 7º Fórum de Pesquisa FAU-MACKENZIE*, Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie. São Paulo: Fau – Mackenzie, 2011, p. 1-20.

EGLER, T.T.C. (2017). Territórios simbólicos. In *Anais XVII Enanpur*. [En línea]. <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/?page_id=1360>. [16 de agosto de 2016]

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

EPOCA NEGÓCIOS. Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em números. *Época Negócios*, 5 de agosto de 2016. [En línea]. <<http://epocanegocios.globo.com/Olimpiada/noticia/2016/08/os-jogos-olimpicos-do-rio-de-janeiro-em-numeros.html>>. [22 de setembro de 2016].

FIX, M. *São Paulo Cidade Global: Fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo: Boitempo, 2007.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. R.J: Graal, 1999.

G1 Rio. Ibope: brasileiros veem mais prejuízos que benefícios ao país com Olimpíada. *G1 Rio*, 27 de abril de 2016. [En línea]. <<https://cmendes26.jusbrasil.com.br/noticias/214428074/mte-discute-trabalho-voluntario-no-rio-2016>>. [22 de setembro de 2016].

GUIMARÃES, A. e ROUVENAT, F. Nuzman e ex-diretor de Comitê Olímpico são presos em operação que investiga fraudes na escolha da Rio 2016. *G1 Globo*, 05 de outubro de 2017. [En línea]. <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/pf-esta-nas-ruas-do-rj-para-cumprir-mandados-de-prisao.ghtml>>. [06 de outubro de 2017].

HARDT, M.; NEGRI, A. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARVEY, D. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. 2016. Armazém de dados. [En línea]. <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/amdados800.asp?gtema=15>>. [10 de fevereiro de 2016].

JENNINGS, A. *Jogo Sujo. O Mundo Secreto da Fifa*. Rio de Janeiro: Panda Books, 2006.

JOHNSON, S. *Emergência – a dinâmica das redes em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LATOURE, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

MARX, K. *O capital: Crítica da Economia Política*. Vol. 1, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PEREIRA, R. e FRIEDLANDER, D. Odebrecht demitiu 100 mil funcionários em três anos. *O Estado de S. Paulo*, 31 de julho de 2017. [En línea]. <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,odebrecht-demitiu-100-mil-em-tres-anos,70001915438>>. [02 de agosto de 2017].

PORTAL BRASIL. Olimpíadas 2016: aeroportos do Rio recebem R\$ 2 bilhões em modernização, *Portal Brasil*, 14 de março de 2016. [En línea]. <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2016/03/aeroporto-do-rio-se-modernizam-para-os-jogos-olimpicos-2016-2>>. [17 de junho de 2016].

PORTAL BRASIL 2016. Vila Olímpica: Onde as estrelas se encontram, 2016. [En línea]. <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes/vila-olimpica>>. [30 de abril de 2016].

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Dossiê da candidatura do Rio de Janeiro, para a sede dos Jogos Olímpicos*, vol. 1, 2, 3. Rio de Janeiro, 2009.

PUSSIELDI, A. Atualizando os patrocinadores dos Jogos Olímpicos do Rio 2016. *BestSwimming*, 29 de outubro de 2014. [En línea]. <<http://www.bestswim.com.br/2014/10/29/atualizando-os-patrocinadores-dos-jogos-olimpicos-do-rio-2016/>>. [15 de abril de 2016].

RAFFESTIN, C. (1993). *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RANDOLPH, R. Em busca do urbano na cidade: “andaduras porteñas” por lugares e lares da experiência sensorial, cognitiva e do espírito absoluto. *Planejamento e Território, ensaios sobre a desigualdade*, jan./abr. 1986, ano 1, n.1. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ.

RIBEIRO A. C. T. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. *Cadernos IPPUR/UFRJ*, 2001, vol. 15, n. 16.

RIBEIRO, A. C. T. *Sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

RIBEIRO, A. C. T. e SILVA, C. A. Impulsos globais e espaço urbano: sobre o novo economicismo. In RIBEIRO, A. C. T. (Org.) *O rosto urbano da América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

ROSA, V. e PERON, I. Governo gastará R\$ 56 mi em publicidade. *O Estado de S. Paulo*, 09 de novembro de 2015. [En línea]. <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,governo-gastara-r-56-mi-em-publicidade,10000001485>>. [18 de junho de 2016].

SÁNCHEZ, F. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. 1. ed. Chapecó-SC: Argos Editora Universitária, 2003.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTO, P. E. Um metrô com alma de carioca. *Grandes Construções*, 01 de março de 2011. [En http://www.grandesconstrucoes.com.br/br/index.php?option=com_contenido&task=viewMateria&id=3966]. [16 de maio de 2016].

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO – SEPLAG. *Orçamento anual 2016*, volume 1. Rio de Janeiro: SEPLAG, 2016.

SIMON, A. Olimpíadas do Rio terão recorde de canais de tv no Brasil. *Torcedores.com*. 05 de agosto de 2015. [En línea]. <<http://torcedores.com/noticias/2015/08/olimpiadas-do-rio-terao-recorde-de-canais-de-tv-no-brasil>>. [20 de maio de 2016].

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento, In: CASTRO, I.; GOMES, P.; CORRÊA, R. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.

TERRY, T; JAVOSKI, D. E. A.; CARVALHO, S. A. de. Sistema viário. *Cadernos Técnicos Morar Carioca*. Rio de Janeiro: Instituto de Arquitetos do Brasil, 2013. [En línea]. <http://www.iab.org.br/sites/default/files/publicacoes/cadernos_tecnicos_morar_carioca_-_sistema_viario.pdf>. [20 de fevereiro de 2016].

TOTALSPORTEK. List of Rio Olympics 2016 TV Channels In Different Countries, 21 de novembro de 2015. [En línea]. <<http://www.totalsportek.com/others/list-of-olympics-2016-tv-channels-in-different-countries/>>. [10 de fevereiro de 2015].

WERNECK, A. Governo prevê gastar quatro vezes mais com propaganda. *O Globo*, 06 de janeiro de 2016. [En línea]. <<http://oglobo.globo.com/rio/governo-preve-gastar-quatro-vezes-mais-com-propaganda-18416767>>. [13 de março de 2016].

Ficha bibliográfica:

EGLER, Tamara; SILVA, Heitor da; KRAUS, Lalita. A Rede Olímpica nos Jogos do Rio de Janeiro. *Ar@cne. Revista Electrónica de Recursos de Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, nº 223, 1 de diciembre de 2017. <<http://www.ub.edu/geocrit/araene/araene-223.pdf>>. ISSN: 1578-0007.

Menú principal de Geo Crítica

Índice de Ar@cne